

Empréstimos Linguísticos do Português para a Língua Geral: século XVII

Bárbara Heliodora L. de Pinheiro Santos^a e Aline da Cruz^b

Universidade de Brasília^a e Universidade Federal de Goiás^b

Resumo

Desde 1616, período em que se iniciou a colonização na região amazônica, o Tupinambá foi adotado como uma língua supraétnica que serviu de comunicação entre portugueses e diferentes povos indígenas. Devido a essa situação de intenso contato linguístico, o Tupinambá sofreu alterações estruturais e passou a ser chamada de Língua Geral (doravante, LG). Até metade do século XIX, a LG expandiu-se por diversos rios da bacia amazônica, tornando-se a língua majoritária da população regional. Embora não mais hegemônica, a LG, atualmente conhecida como *nheengatu*, ainda é falada na região amazônica. Um dos resultados desse longo contato entre português e LG foi o recebimento de vários empréstimos de uma língua para outra. Dessa forma, este artigo propõe um olhar centrado no levantamento e na análise de vocábulos portugueses emprestados à LG no século XVII, com o objetivo de verificar as consequências linguísticas do contato entre falantes de português e da LG, a partir de um recorte da primeira fase desse contato.

1 Introdução

Quando chegaram ao Brasil no século XVI, os portugueses se depararam com uma grande variedade linguística. Com tamanha diversidade, os colonizadores sentiram a necessidade de se escolherem línguas de contato para fins comunicativos. De acordo com Freire (2004:51), o Tupinambá, língua do tronco Tupi da família Tupi-Guarani (Rodrigues 1996a), acabou, então, por exercer a função inicial de língua de comunicação entre portugueses e diversos povos indígenas da região (primeiramente, facilitando a comunicação com povos indígenas cujas línguas também eram do tronco Tupi, e, posteriormente, substituindo línguas de outras famílias linguísticas). Rodrigues (1996a:10) afirma que, a partir disso, teria surgido uma população mestiça de pais europeus e de mães indígenas, cuja língua dos filhos era o Tupinambá. Segundo Freire (2004:51), nesse processo histórico de constituição e de expansão, o Tupinambá passou a ser conhecido, a partir da segunda metade do século XVII, como Língua Geral (doravante, LG)¹, a qual foi progressivamente reajustando-se e diferenciando-se do Tupinambá falado por indígenas que sobreviveram até meados do século XVIII (Rodrigues 1996a:10).

Durante os séculos XVII e XVIII, a LG expandiu-se pela região amazônica, onde começou a funcionar como língua interétnica (Bessa Freire 2004; Lee 2014), isto é, passou a exercer a função de comunicação entre falantes de diferentes etnias. Como consequência desse longo período de contato linguístico, houve um processo mútuo de transferências de itens lexicais de uma língua para outra, ou seja, vários termos da LG foram incorporados ao português (a exemplo das palavras *mandioca*, *capim*, *tatu*), bem como várias palavras do português foram incorporadas ao léxico da LG.

¹Rodrigues (1986:102) propõe uma distinção entre Língua Geral Paulista (que se desenvolveu, a partir do Tupiniquim, no sul da Colônia) e Língua Geral Amazônica (que se desenvolveu, a partir do Tupinambá, no norte da Colônia). Apesar dessa proposta, este trabalho utilizará, simplesmente, o termo *Língua Geral* para se referir à língua que se desenvolveu a partir do Tupinambá no norte do território brasileiro.

Um número significativo de trabalhos apresenta empréstimos linguísticos de línguas indígenas no português (cf. Noll 2010; Dietrich & Noll 2010). Em geral, esses trabalhos apenas indicam a existência de tupinismos no português, sem especificar se esses termos provieram do Tupinambá, ou se teriam sido incorporados em períodos posteriores, ou seja, se teriam vindo das línguas gerais (paulista ou amazônica). Por conta de ter sido a língua usada pelos bandeirantes paulistas em seu processo de expansão territorial (a partir da invasão de territórios indígenas), é bem provável que a maior fonte de empréstimos ao português provenha da Língua Geral Paulista. Isso não exclui, no entanto, que haja contribuições também do Tupinambá e até mesmo do Guarani ao português. Se tivermos em conta que o primeiro contato dos portugueses teria sido com o Tupinambá, então os primeiros lexemas emprestados ao português teriam vindo diretamente dessa língua, e não da Língua Geral Paulista, cuja formação se deu em etapa posterior. Provavelmente, este é o caso de muitos termos para fauna e flora, registrados no *História Naturalis Brasiliae* (HNB), originalmente publicada em 1648 por Willem Piso e George Marcgraf, com base em documentação realizada no território ocupado pelos holandeses no nordeste brasileiro entre 1630 e 1654. Em um estudo preliminar, Cruz & Praça (2018) mostraram imagens de 16 plantas e animais registrados no primeiro volume dos HNB para indígenas e para falantes de português. Desses 16 termos, 11 estão presentes no português brasileiro, a saber: surucucu, jiboia, jararaca, (sapo) cururu, mandioca, caju, inajá, banana pacová, taioba, samambaia. Embora seja preciso um levantamento mais extenso, a pesquisa preliminar feita pelas autoras permite levantar a hipótese de que, pelo menos o vocabulário de flora e fauna tenha vindo diretamente do Tupinambá para o português².

Se é verdade que ainda há necessidade de mais estudos que detalhem a periodização da entrada de tupinismos no português, muito mais raros são os trabalhos que se propõem a fazer o caminho oposto: apontar os empréstimos do português na LG. Edelweiss (1969), por exemplo, fez o levantamento dos empréstimos do português na LG a partir de dicionários e de vocabulários do século XVIII. Todavia, o autor conteve-se apenas no levantamento desses vocábulos e não realizou análise fonológica. Monserrat (2003), por outro lado, realizou a análise fonológica da LG do século XVIII a fim de reconstruir a língua falada nesse período, porém a autora apresenta poucos exemplos de empréstimos, uma vez que focalizou as palavras nativas da língua. Para o século XVII, não há nenhum trabalho que aborde as questões concernentes ao levantamento e ao estudo de empréstimos. O que pode ser citado aqui que mais se aproxima do que este artigo propõe é a gramática de Lemos Barbosa (1956), tendo em vista que o autor usa um de seus capítulos para a discussão acerca de palavras do português na LG, mas não faz qualquer tipo de análise fonológica ou morfológica específica dos vocábulos. Ainda, há o trabalho de Eduardo Tuffani (2011), que propõe uma revisão da Gramática de Lemos Barbosa (1956), a qual se faz necessária em decorrência da inconsistência dos documentos utilizados pelo autor para a formulação de uma gramática da LG.

Este trabalho diferencia-se dos trabalhos citados anteriormente, na medida em que faz o levantamento dos empréstimos do português na LG no século XVII³ e discute as estratégias fonológicas utilizadas nesse período para que novas palavras vindas do português possam entrar no léxico da LG. Além disso, discute-se também de que modo a morfologia da língua nativa é utilizada nas palavras emprestadas. Por fim, são abordados ainda os empréstimos diretos e os empréstimos por criação lexical. Dessa maneira, objetiva-se identificar quais foram os mecanismos utilizados pela LG para receber os empréstimos advindos do português decorrentes do contato linguístico.

Para os devidos fins, este artigo é organizado da seguinte forma: na seção 2, são apresentadas as documentações utilizadas para as análises fonológicas e para o levantamento de empréstimos do português

²Há de se considerar também a possibilidade de que as variedades de português brasileiro faladas no sul do Brasil tenham recebido empréstimos do Guarani, mas não temos conhecimento de estudos que demonstrem essa influência. Uma observação pessoal de Aline da Cruz é a de que o termo “taioba”, registrado no HNB como < tajaoba >, que pode ser analisada como [tajaob-a], em que -a é um sufixo referenciante, ocorre em diversas partes do Brasil como “taioba”, forma que inclusive ocorre nos dicionários, mas, em Santa Catarina, o termo usado é taiaí [ta. jã], termo em que se observa a queda da consoante final – característica do Guarani e da língua geral paulista.

³Neste artigo, focalizamos apenas nos empréstimos que ocorrem no século XVII, por entender que a análise da fase inicial do contato entre Tupinambá e português é essencial para o desenvolvimento da língua geral amazônica. Em outros trabalhos publicados por Santos (2020, 2021), a autora estabelece a cronologia de entrada de empréstimos do português na língua geral.

para a LG dos séculos XVII; depois, na seção 3, é proposto um sistema fonológico para a LG do século em questão. Por sua vez, na seção 4, são feitas as discussões dos empréstimos com adaptação fonológica e dos empréstimos que recebem morfologia da língua indígena, dos empréstimos diretos e dos empréstimos por criação lexical. Em seguida, na seção 5, são realizadas discussões sociolinguísticas acerca dos tipos de empréstimos encontrados na LG do século XVII. Na seção 6, as principais conclusões deste artigo são sumarizadas. Ao final do trabalho, foi incluído um apêndice com a listagem de todos os empréstimos encontrados na documentação de análise.

2 Documentação

Para as análises apresentadas neste artigo, foram utilizadas documentações que serviram para duas finalidades específicas. A primeira finalidade foi a de buscar compreender o funcionamento fonológico da LG no século XVII e a de conseguir identificar os fonemas da língua que aparecem nos empréstimos do português. Para tal objetivo, foram utilizadas a *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, datada de 1595 e de autoria de José de Anchieta; a *Arte da Língua Brasileira*, datada de 1621 e de autoria de Luis Figueira e, por fim, o *Curso de Tupi Antigo*, datado de 1956 e de autoria de Lemos Barbosa. Acerca da gramática de Lemos Barbosa (1956), trata-se de uma obra produzida já no século XX, na qual o autor baseia-se, sobretudo, nos conhecimentos deixados por Anchieta e nos vocabulários da LG para, então, fazer uma análise da língua que era falada durante o período de colonização.

As obras estudadas apresentam informações que nos auxiliam na compreensão do sistema fonológico da LG, o qual é apresentado na seção 3, mesmo que o objetivo dos autores citados fosse o de descrever os sons da língua e, por vezes, o de discutir a forma mais adequada de grafá-los. Desse modo, com as constatações realizadas pelas obras citadas anteriormente, foi possível chegar a uma análise do inventário fonológico da LG do século XVII, bem como ter acesso aos tipos silábicos recorrentes nessa língua e ao seu padrão acentual.

A segunda finalidade pretendida pela seleção das documentações foi a do levantamento de dados para embasar o que as gramáticas estavam afirmando sobre a LG do século XVII e verificar se tais afirmações aplicavam-se aos empréstimos vindos do português. Para tanto, foram utilizadas as seguintes obras: *Lírica Portuguesa e Tupi* (Anchieta 1597); *Catecismo na Língua Brasileira, no qual se contém a summa da Doutrina Cristã* (Araújo 1618); *Vocabulário na Língua Brasileira* (Anônimo 1621) e *Catecismo Brasileiro da Doutrina Cristã* (Araújo 1686).

Na *Lírica Portuguesa e Tupi*, foram encontrados, ao todo, 15 empréstimos; no *Catecismo na Língua Brasileira, no qual se contém a summa da Doutrina Cristã*, foram encontrados 47 empréstimos, em sua maioria, diretos, isto é, sem qualquer adaptação aparente da LG; no *Vocabulário na Língua Brasileira* foram encontrados 56 empréstimos, em sua maioria, por criação lexical e, por fim, no *Catecismo Brasileiro da Doutrina Cristã*, foram encontrados 62 empréstimos, também, em sua maioria, diretos. Muitas das palavras encontradas aparecem repetidamente em outros documentos, por isso o número total de empréstimos é de 140.

Antes de iniciar as análises propostas, é preciso fazer algumas considerações sobre os documentos utilizados neste trabalho. Conforme Tuffani (2011), alguns dos vocabulários da LG do século XVII foram reelaborados, o que torna difícil o estabelecimento da autoria de alguns arquivos; cópias de outros documentos foram perdidas e, mesmo com o Romantismo, momento no qual a tupinologia recebeu um novo impulso, a maior parte dos trabalhos desse período acabou comprometida. Ademais, conforme Rodrigues (1986), existe uma distinção entre as descrições da LG realizadas por Anchieta (1595) e por Figueira (1621), tendo em vista que os autores viveram em locais distintos. Moore, Facundes e Pires (1993) e Moore (2014) constatam, também, que existe uma dificuldade clara em definir o que é mudança linguística e o que são variedades distintas.

Em razão de todas essas observações, Câmara Jr. (1965) questiona a validade de se trabalhar com a documentação produzida sobre Tupinambá por missionários, tendo em vista que estes não teriam sido fiéis na descrição dessa língua, a começar pela tentativa de descrever o Tupinambá em moldes latinos. Ademais,

deve-se questionar também a modalidade da língua que teria sido utilizada para fazer os catecismos e as obras literárias, uma vez que essas obras tratam de um universo alheio à cultura indígena. No entanto, mesmo que existam tais ressalvas e algumas limitações quanto, por exemplo, ao local exato de registro dos dados, não é possível excluir tais obras desta pesquisa, uma vez que não há muito material disponível que registre a LG do século XVII.

3 Inventário Fonológico

A partir das considerações sobre sons e grafemas feitas nas gramáticas citadas na seção anterior, pôde-se ter uma ideia de como funcionava o inventário fonológico da LG no século XVII. Outro fator direcionador utilizado para a proposta de inventário aqui feita foi a comparação com os estudos fonológicos do Tupinambá (século XVI), realizados por Rodrigues (1953), com os estudos fonológicos da LG do século XVIII, realizados por Monserrat (2003) e com os estudos fonológicos do Nheengatu do século XXI, realizados por Cruz (2011). Os inventários fonológicos desses três autores auxiliaram, expressivamente, na proposta de inventário da LG do século XVII, posto que servem como um direcionamento para a análise em questão.

Para começar, a LG do século XVII não apresenta oposição entre oclusivas surdas e sonoras, contando apenas com a consoante labial /p/, com a coronal /t/ e com a dorsal /k/.

Além disso, a LG possui uma série de consoantes nasais /m, n, ŋ/, as quais podem ser realizadas foneticamente como segmentos de contorno [ᵐb ᵐd ᵐg]. De acordo com Anchieta (1595), em posição inicial de palavra, jamais poderiam ocorrer as oclusivas [b] e [d] sozinhas ou a nasal dorsal [ŋ]. Segundo Cruz (2011, p. 91), a nasal /m/ ocorre como nasal plena [m] ou como contorno [ᵐb] após vogal nasal. Em meio de palavra, ainda segundo a autora, a nasal /n/ ocorre, em variação livre, como nasal plena [n] ou como contorno [ᵐd] em ataque silábico com núcleo oral. Cruz (2011, p. 92 e 93) afirma ainda que, entre vogais orais e em posição de coda depois de vogal oral, a nasal /m/ era implementada como fricativa labial [β], grafada como , e como [m] (ou como [ᵐb]) depois de vogal nasal.

Como bem destacou Câmara Jr. (1965), tendo em vista que os segmentos pré-nasalizados não existiam nas línguas europeias, suas interpretações e suas grafias tornaram-se um problema para os missionários que elaboraram a documentação da LG do século XVII.

Além dos segmentos já citados, a LG do século XVII conta com uma fricativa coronal surda /s/, realizada como fricativa pós-alveolar surda [ʃ] antes da vogal /i/, alofonia que também havia sido mencionada por Anchieta (1595) e por Lemos Barbosa (1956:414) ao apontarem que “o som de [s] é realizado secundariamente como o nosso <ch> antes da vogal [i]”. Tal alofonia é resultado da palatalização causada pela vogal [i]. Monserrat (2003:193) corrobora a observação dos autores ao observar que a alofonia em questão também ocorria no Tupinambá. Entretanto, para a autora, a fricativa pós-alveolar surda [ʃ] já emerge como fonema da língua no século XVIII, enquanto, para Cruz (2007, 2011), não é possível assumir que esse segmento já se opunha à fricativa alveolar surda [s] antes da metade do século XIX.

Conforme Lemos Barbosa (1956:414), a LG do século XVII possui apenas um tipo de <r>, o alveolar [r], que acaba por ser a única consoante líquida dessa língua.

No inventário fonológico proposto por Monserrat (2003), a autora considera os glides [j] e [w] como fonemas da LG no século XVIII. Neste trabalho, no entanto, esses segmentos são considerados alofones dos fonemas vocálicos /i/ e /u/, respectivamente, tendo em vista que, foneticamente, eles ocorrem apenas em posição assilábica.

A partir dos trabalhos citados anteriormente, pôde-se propor o seguinte inventário fonológico para essa língua falada no século XVII:

	Labial	Coronal	Dorsal
Oclusiva	p	t	k
Nasal	m	n	ŋ
Fricativa		s	
Tepe		r	

Quadro 1: Sistema consonantal da LG do século XVII⁴

Acerca dos segmentos vocálicos, Anchieta (1595:25), Figueira (1621:7) e Lemos Barbosa (1956:410) afirmaram que as vogais da LG seriam iguais às do português⁵, à exceção da existência de uma vogal “especial”, grafada como <y>, cujo som pronunciava-se entre o [i] e o [u] e à exceção da falta de distinção entre vogais abertas e fechadas, como o [ɔ] e [o] ou [ɛ] e [e]. Sobre o som grafado com <y>, os autores referiam-se à vogal central, alta e não arredondada [ɨ].

A LG do século XVII conta, portanto, com um total de seis vogais orais, sendo elas: uma vogal central baixa não arredondada [a], uma vogal anterior média alta não arredondada [e], uma vogal anterior alta não arredondada [i], uma vogal central alta não arredondada [ɨ], uma vogal posterior média alta arredondada [o], uma vogal posterior alta arredondada [u]. Todas as vogais orais têm a sua respectiva vogal nasal (Lemos Barbosa, 1956:29), as quais ocorrem precedidas ou seguidas por consoante ou por vogal nasal, de acordo com Rodrigues (1953). As vogais estão representadas no Quadro 2 a seguir:

i	ĩ	ɨ	ɨ̃	u	ũ
e	ẽ			o	õ
		a	ã		

Quadro 2: Sistema vocálico da LG do século XVII⁶

4 Análise dos Empréstimos

Nos documentos relativos à LG do século XVII, foram encontrados um total de 140 empréstimos distintos, que se dividiram em empréstimos com adaptações fonológicas, empréstimos com morfologia da LG, empréstimos diretos, isto é, sem nem um tipo de adaptações, e, por fim, empréstimos por criação lexical. Os dois últimos tipos de empréstimos foram os mais numerosos, ao passo que, entre os dois primeiros tipos, foram encontrados apenas alguns poucos exemplos.

4.1 Empréstimos com Adaptação Fonológica

Nesta seção, analisaremos os empréstimos com adaptação fonológica. Como procedimento de análise, os vocábulos emprestados foram divididos em três grupos: empréstimos com adaptação segmental, empréstimos com adaptação acentual e empréstimos com adaptação silábica.

A **adaptação segmental** ocorre quando a língua-fonte, língua que empresta determinada palavra, possui segmentos fonológicos inexistentes na língua-alvo, língua que recebe a palavra emprestada.

Embora o português apresente diversos segmentos que não fazem parte do inventário fonológico da LG no século XVII, como [b, d, g, f, v, ʒ], por exemplo, foram encontrados, na documentação analisada, apenas três exemplos desse tipo. Nesses exemplos, a fricativa palatal sonora [ʒ] foi adaptada para a glide [j].

⁴Fonte: Baseado em Anchieta (1595), Figueira (1621) e Lemos Barbosa (1956) com adaptação dos símbolos fonéticos para o IPA.

⁵É importante lembrar que provavelmente esses autores falavam novamente da grafia, e não da fonologia.

⁶Fonte: Baseado em Anchieta (1595), Figueira (1621) e Lemos Barbosa (1956) com adaptação dos símbolos fonéticos para o IPA.

Anchieta (1595:32) e Figueira (1621:7) afirmam, em suas gramáticas, que o grafema <j>, que corresponde ao fonema /j/ em português, era pronunciado, na LG do século XVII, como vogal /i/, cujo segmento, em posição de ataque silábico, corresponde ao alofone [j]. Essa adaptação é exemplificada em (1a-b) abaixo:

- | | | | | | | | |
|-----|----|----------|------------|------|----------|-----------------------|------|
| (1) | a. | <jesus> | [ʒe.'zus] | (PB) | <iesú> | [je.'zu] ⁷ | (LG) |
| | b. | <judas> | ['ʒu.dəs] | (PB) | <iudas> | ['ju.dəs] | (LG) |
| | c. | <judeus> | [ʒu.'dews] | (PB) | <iudeus> | [ju.'dews] | (LG) |

Em (1a-b), pode-se perceber que mesmo as palavras que sofrem adaptações fonológicas permitiram fonemas não esperados na LG. Nesses exemplos, observa-se que a palatal [ʒ] foi adaptada, tornando-se a glide [j]. No entanto, os fonemas [z] e [d], que também não existiam em LG, se mantiveram sem nenhuma adaptação. É possível que a manutenção de [z] e [d] tenha sido facilitada por esses fonemas vozeados ocorrerem nos dados em posição intervocálica⁸.

O processo de **epêntese** de uma vogal foi utilizado, na LG do século XVII, para evitar sílaba com coda ocupada ou com ataque ramificado.

De acordo com Clements e Keyser (1983), todas as línguas do mundo possuem a estrutura silábica CV. Entretanto, nem todas as línguas possuem estruturas silábicas mais complexas, como CVC e VC, em que a posição de coda é ocupada, ou CCV, em que a posição de ataque é ramificada.

Anchieta (1595:23), ao falar um pouco sobre as sílabas da LG do século XVII, afirma que nessa língua não há “consoantes continuadas, a não ser os segmentos <mb, nd, ng>”, que, como já foi citado na seção 3, não são simples consoantes subseqüentes, mas sim segmentos realizados como contornos [mb], [nd] e [ng]. Essa afirmação é uma pista de que não há, na LG, a ocorrência de sílabas que possuam a estrutura CCV ou de sílabas CVC(C), diferentemente do português, que permite essas estruturas (a exemplo das palavras *prato*, *carta*, *almoço*).

Nesse caso, ao receber uma palavra cuja estrutura silábica não é comum nessa língua, a LG recorre à epêntese e ao apagamento, estratégias que retomam a sílaba CV na língua. Todavia, é possível observar que, no caso da epêntese, a vogal adicionada não é aleatoriamente escolhida; os empréstimos encontrados demonstram que a vogal epentética é a cópia da vogal da sílaba CCV ou CVC que será adaptada a duas sílabas CV. Esse processo pode ser visualizado nos exemplos (2a-c).

- | | | | | | | | |
|-----|----|----------|------------|------|----------|----------------------|------|
| (2) | a. | <cabra> | ['ka.brɐ] | (PB) | <cabará> | [ka. bɐ .'ra] | (LG) |
| | b. | <cruz> | ['krus] | (PB) | <curuçá> | [ku .rɔ.'sa] | (LG) |
| | c. | <marsal> | [mɐr.'sal] | (PB) | <marasá> | [ma. rɐ .'sa] | (LG) |

É possível perceber nos exemplos citados que, além de ter ocorrido a epêntese, há, em consequência, a alteração do acento para a sílaba final. Esse processo será abordado em 4.1.3.

Conforme mencionado anteriormente, a LG do século XVII também recorreu **apagamento**, o qual consiste em apagar um segmento a fim de reestabelecer a sílaba CV. No caso dos dois empréstimos encontrados, o segmento apagado foi o que ocupa a posição de coda no final da palavra, apresentado em (3).

- | | | | | | | | |
|-----|----|----------|------------|------|----------|-------------------------------|------|
| (3) | a. | <jesus> | [ʒe.'zus] | (PB) | <iesú> | [je.' zu] | (LG) |
| | b. | <marsal> | [mɐr.'sal] | (PB) | <marasá> | [ma. rɐ .' sa] | (LG) |

Acerca da acentuação, Lemos Barbosa (1956:416) observou que os vocábulos da LG do século XVII são “oxítonos”, embora possam ter acento em uma sílaba diferente caso agreguem-se a eles sufixos átonos. Isso significa que o **padrão acentual** preferido pela LG é o padrão iâmbico, no qual os pés métricos são

⁷Todas as transcrições fonéticas realizadas neste artigo são apenas uma aproximação que tem por objetivo evidenciar as adaptações fonológicas sofridas pelos vocábulos emprestados.

⁸No estágio atual da pesquisa, não é possível saber com certeza o que levou, de fato, à manutenção desses segmentos.

formados da direita para a esquerda, com proeminência à direita. Wetzels e Meira (2010) ratificam essa afirmação ao observarem que, na maioria das línguas Tupi-Guarani, o padrão preferido é também o iâmbico.

Diferentemente da LG, em português, conforme Wetzels (1977), a maior parte dos não-verbos segue o padrão acentual troqueu-moraico, isto é, a maioria das palavras em língua portuguesa possui tonicidade na penúltima sílaba, embora o acento nessa língua seja considerado lexical.

Tendo em vista a diferença entre o padrão acentual do português e da LG, no século XVII, a LG, ao receber uma palavra cujo acento não é na última sílaba, faz a mudança desse acento para a última sílaba⁹. Foram encontrados dois empréstimos que ilustram essa adaptação. Nos dois exemplos encontrados, o processo sofrido é o mesmo: há, primeiro, a epêntese de uma vogal, que retoma a estrutura silábica CV, preferida pela LG, e, depois, há a mudança acentual para a última sílaba da palavra, ilustrada em (4).

- (4) a. <cabra> ['ka.brɐ] (PB) <cabará > [ka.bɐ.'ra] (LG)
 b. <cruz> ['krus] (PB) <curuçá> [ku.rɔ.'sa] (LG)

4.2 Empréstimos com Morfologia da LG

Nesta seção, são apresentados os empréstimos que recebem um morfema da LG em um vocábulo do português. A documentação do século XVII apresentam poucos exemplos de empréstimos desse tipo, além de terem sido encontrados apenas exemplos de flexão, por prefixação e por sufixação e nenhum exemplo de derivação.

Em (5), tem-se um exemplo de flexão por **prefixação** em que há uma palavra da língua portuguesa <reino> com um prefixo pessoal de segunda pessoa do singular da série não ativa em LG {nde-}.

- (5) *nde-reino*
 2SG.NA-reino
 teu reino

Em (6), têm-se dois exemplos de **sufixação** nos quais o sufixo {-a} ‘referenciante’ afixou-se a palavras emprestadas do português.

Lemos Barbosa (1956:393) observou que, na LG, a distinção entre nomes e verbos não é nítida, na medida em que “todo nome pode tornar-se verbo predicativo e todo verbo é verdadeiro nome”. A observação do autor vai ao encontro da hipótese de Queixalós (2006), de que todas as línguas da família Tupi-Guarani são descendentes de uma língua na qual as suas entradas lexicais funcionavam prioritariamente como predicado.

Com estudos posteriores de outras línguas Tupi-Guarani, como o Kamaiurá (Seki 2000), o Tapirapé (Praça 2007), o Guajá (Magalhães 2007), entre outras, percebeu-se que uma palavra, para funcionar como argumento, precisava receber um sufixo, chamado por Queixalós (2006) de sufixo *referenciante*. Na LG, esse sufixo referenciante é marcado pelo morfema {-a}¹⁰, que, ao se associar a uma base lexical, faz com que esta seja capaz de referenciar.

- (6) a. *rey-a*
 rei-RFR
 rei

⁹O padrão iâmbico não é mantido, no entanto, quando uma palavra apresenta um sufixo átono, como é o caso do morfema {-a} ‘referenciante’. Então, a tendência é de que o acento recaia sobre a penúltima sílaba.

¹⁰Esse sufixo recebeu várias denominações na literatura, como: *índice nominal* (Rodrigues 1953; Lemos Barbosa 1956), *caso nominal* (Rodrigues 1981; Jensen 1989); *nominalizador* (Almeida; Irmãzinhas de Jesus & Paula 1983; Vieira 1993); *caso argumentativo* (Rodrigues 1996b; 2001; Praça 1999); *caso nuclear* (Seki 2000; Borges 2006).

- b. *curuç-a*
cruz-RFR
cruz

Outro sufixo da LG que apareceu em empréstimos do português, no século XVII, foi o sufixo atributivo {-amo}/[-amo]~[-ramo]~[-namo]. Conforme Rodrigues (1953), esse morfema é usado quando se quer dar uma função, isto é, uma atribuição, a um determinado nome. Seki (2000:111), em análise de forma cognata em Kamaiurá, também chama esse morfema de ‘atributivo’, e explica que embora o atributivo seja usado fundamentalmente para indicar estados temporários e não permanentes, isto é, circunstanciais, ele pode ser usado também, em certos contextos, para marcar mudança de estado ou de condição, definição que acaba por ampliar a compreensão acerca do sufixo atributivo. Segundo Praça, em comunicação pessoal (c.p.), trata-se de um sufixo muito produtivo em Tupinambá, que permite estabelecer uma relação de similitude, traduzido normalmente por “como se fosse”, como exemplificado abaixo por Lemos Barbosa (1956:80). Praça (c.p.) ressalta ainda que o sufixo *-ramo* cria uma estrutura adverbial, o que se pode perceber em (7) pelo fato de o verbo *mo-ingó* ‘constituir’ ocorrer em sua forma nominalizada¹¹.

- (7) *asé sy-ramo bé será Tupã o-sy mo-ingó-u?*
CONJ mãe-ATR ? DUV deus 3CO-mãe CAUS-ser-NMLZ
‘Acaso Deus constituiu sua mãe como mãe nossa também?’ (Lemos Barbosa 1956:80)

Nos exemplos de (8a-d), é possível observar os usos desse sufixo com empréstimos do português, os quais foram retirados de Anchieta (1597).

- (8) a. *rei-amo ere-ikó teñé*
rei-ATR 2SGA-estar semelhante
‘Como se fosse rei.’ (Anchieta 1597:193)
- b. *raính-amo r-enoim-býra*
rainha-ATR LK-ouvir-NMLZ
‘Ouvida como rainha.’ (Anchieta 1597:195-196)
- c. *raính-amo mo-ingo-pýra,*
rainha-ATR CAUS-colocar-NMLZ
‘Colocada com rainha.’ (Anchieta 1597:195-196)
- d. *virgem-ramo o-ikó-bo be*
virgem-ATR 3CO-estar-GER CONT
‘Ainda sendo virgem.’ (Anchieta 1597:178)

4.3 Empréstimos Diretos

Nesta seção, são exemplificados os empréstimos registrados que, aparentemente, não sofreram nenhum tipo de adaptação fonológica ou morfológica. Pode-se perceber que as palavras aqui listadas são exatamente como no português, isto é, não há um “filtro” da LG pela qual elas passaram para entrarem no léxico da

¹¹Neste artigo, estamos seguindo a análise de Praça, Magalhães e Cruz (2017), que analisam o sufixo *-u* como uma forma nominalizada do verbo que ocorre exclusivamente quando uma expressão adverbial é alçada à primeira posição da sentença. Trata-se do mesmo morfema que é tradicionalmente chamado na literatura das línguas Tupi-Guarani como ‘indicativo 2’, a partir da análise de Rodrigues (1953).

língua nativa. Como consequência da falta de adaptação nesses vocábulos, fonemas inexistentes no inventário fonológico proposto para a LG do século XVII permanecem; estruturas silábicas não comuns à LG permanecem e, por fim, o padrão acentual do português também permanece sem nenhuma adaptação.

Apesar de representarem 73 dos empréstimos dentre o total de 140, os empréstimos diretos pertencem a um campo semântico muito específico: tratam-se de palavras de cunho religioso cristão, inexistentes, até a colonização, na cultura dos indígenas falantes de LG. Para Lemos Barbosa (1956:382) a presença desses vocábulos emprestados de modo direto para a LG nos catecismos é explicada por serem de difícil tradução, afinal referem-se a nomes de seres ou de coisas sagradas, conceitos de ordem cristã, dias da semana, meses. Além disso, não é possível sequer afirmar se essas palavras eram, de fato, usadas por falantes nativos.

Em (9a-g), algumas dessas palavras são exemplificadas.

(9)	a.	[ˈbis.pɔ]	(PB)	[ˈbis.pɔ]	(LG)	‘bispo’
	b.	[puR.ga.ˈtɔ.rɪw]	(PB)	[puR.ga.ˈtɔ.rɪw]	(LG)	‘purgatório’
	c.	[mi.ˈla.gɾi]	(PB)	[mi.ˈla.gɾi]	(LG)	‘milagre’
	d.	[viR.ˈʒɛ]	(PB)	[viR.ˈʒɛ]	(LG)	‘virgem’
	e.	[ɐ.ˈpɔs.tu.lu]	(PB)	[ɐ.ˈpɔs.tu.lu]	(LG)	‘apóstolo’
	f.	[ˈgra.sɐ]	(PB)	[ˈgra.sɐ]	(LG)	‘graça’
	g.	[ˈxej.nu]	(PB)	[ˈxej.nu]	(LG)	‘reino’

É preciso mencionar, ainda, que há alguns vocábulos emprestados que não há como definir se sofreram adaptações, porque não infringem nenhuma regra fonológica da LG do século XVII. Alguns desses vocábulos são exemplificados em (10a-c) abaixo.

(10)	a.	[ˈmi.sɐ]	(PB)	[ˈmi.sɐ]	(LG)	‘missa’
	b.	[pe.ˈka.dɔ]	(PB)	[pe.ˈka.dɔ]	(LG)	‘pecado’
	c.	[ˈpa.pɐ]	(PB)	[ˈpa.pɐ]	(LG)	‘papa’

4.4 Empréstimos por Criação Lexical

A LG do século XVII apresentou também vários exemplos de empréstimos por criação lexical. Conforme Lemos Barbosa (1956:382), essa estratégia foi utilizada pelos padres jesuítas que traduziram novos conceitos por palavras em LG ainda que com apenas uma vaga semelhança. Nesse tipo de empréstimo, em geral, ocorre a união de duas ou mais palavras da LG para expressar algum conceito do português. Além do processo de composição, a criação lexical também é feita pela extensão semântica do significado. Pode-se dizer que as estratégias de composição e extensão semântica ocorrem concomitantemente, como ilustrado nos exemplos em (11) a seguir:

(11)	a.	Anjo	(PB)	<i>apyá bebé</i> homem voar	(LG)	‘homem voador’
				<i>karaí-bebé</i> não-indígena-voador	(LG)	‘homem branco voador’
	b.	Dízimo	(PB)	<i>Tupã potaba</i> deus presente	(LG)	‘presente a deus’
	c.	Igreja	(PB)	<i>Tupã oca</i> deus casa	(LG)	‘casa de deus’
	d.	Navio	(PB)	<i>ygar-usú</i> canoa-grande	(LG)	‘canoa grande’
	e.	Alma, espírito	(PB)	<i>anga</i> sombra	(LG)	‘sombra, fantasma’

5 Discussão acerca da Distribuição dos Empréstimos

Como pôde ser observado, os empréstimos diretos ou por criação lexical predominaram na LG do século XVII. Por sua vez, os empréstimos com adaptação fonológica ou com morfologia da língua indígena são escassos. Para compreender essa distribuição de palavras emprestadas, é preciso, antes, compreender a situação sociolinguística dos falantes de LG e de português durante esse período.

No século XVII, conforme Bessa Freire (2004), a língua portuguesa é levada à região do Grão-Pará¹² por missionários, soldados e funcionários da Coroa Portuguesa. Esse ato dá início, então, a um novo ordenamento linguístico na região amazônica, no qual falantes de português tornam-se bilíngues em português e em LG e passam a entrar em contato permanente com diversas outras línguas indígenas. Ainda conforme Bessa Freire (2004), durante todo o período colonial o português permaneceu minoritário em relação à LG, sendo utilizado somente pela administração, mas não pela população.

Esse panorama de hegemonia da LG em relação ao português mostra que o bilinguismo, durante o século XVII, é, na verdade, fraco. Por sua vez, consoante o que observam Moore, Facundes e Pires (1993), não há um ambiente sociolinguístico que demande a inserção de empréstimos do português na LG, na medida em que a língua portuguesa era pouco utilizada. Desse modo, há uma razão para que poucos empréstimos com adaptação fonológica ou com morfologia da LG tenham sido registrados durante o século XVII.

Por outro lado, há uma gama mais expressiva de empréstimos diretos e de empréstimos por criação lexical do português para a língua geral, uma vez que os missionários portugueses objetivavam levar o cristianismo para os indígenas e, por isso, traduziam preces, histórias e orações, ora inserindo palavras portuguesas de modo direto nesses textos, ora criando, a partir de palavras da LG, outros vocábulos para descrever significados cristãos. Entretanto, esse novo léxico, conforme também mencionou Lemos Barbosa (1956), possivelmente, sequer era usado por indígenas falantes de LG.

6 Conclusão

A partir da discussão realizada, é possível concluir que, no século XVII, período inicial de contato entre falantes de português e falantes de LG, os tipos de empréstimos predominantes eram os diretos e os por criação lexical. Nesse sentido, há 6 empréstimos com adaptação fonológica, 6 empréstimos com morfologia da LG, 73 empréstimos diretos e 55 empréstimos por criação lexical, totalizando 140 empréstimos, conforme indicado no Quadro 3 abaixo.

Tipo de empréstimo	Quantidade
Empréstimos com adaptação fonológica	6 empréstimos
Empréstimos com morfologia da LG	6 empréstimos
Empréstimos diretos	73 empréstimos
Empréstimos por criação lexical	55 empréstimos
Total	140 empréstimos

Quadro 3: Quantidade de cada tipo de empréstimos

É preciso ressaltar que, de fato, alguns empréstimos não seguiram as análises esperadas, mas isso pode ser resultado do fato de estarmos lidando com documentos diversos, os quais podem apresentar registros de diferentes variedades da LG.

¹²O estado do Maranhão e Grão-Pará era uma das duas colônias portuguesas do continente e hoje sua extensão territorial abrange os estados do Maranhão, do Piauí, do Pará, do Amazonas e de Roraima.

Ademais, é preciso observar que a prevalência de empréstimos diretos e por criação lexical está ligada a um fato sociolinguístico: até a metade do século XVIII, a LG exercia a hegemonia no território amazônico, sendo usada nos diversos contextos sociais da colônia – casas, escolas, catequese e até na administração da colônia (Bessa Freire 2004; Lee 2014), enquanto o português era restrito apenas à administração da colônia.

Consoante Lee (2014), essa situação de hegemonia começou a ser alterada a partir da segunda metade século XVIII, quando passam a predominar, de acordo com Santos (2020), os empréstimos com adaptações fonológicas e quando aumentam os empréstimos com a morfologia da LG. A alteração desse cenário, de acordo com Bessa Freire (2004), é decorrente de políticas linguísticas que visavam à hegemonia da língua portuguesa em detrimento da LG e do aumento de falantes de português na Amazônia.

7 Apêndice

No Quadro 4 abaixo, são apresentados, em ordem alfabética, todos os empréstimos encontrados, com classificação quanto ao tipo de empréstimo, indicação da primeira vez que o termo foi encontrado, bem como outras fontes em que o empréstimo é mencionado, e tradução.

Palavra	Tipo de empréstimo	Documento em que foi encontrada pela primeira vez	Outras fontes	Tradução
<i>Adão</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi	Catecismo na língua brasílica Catecismo brasílico da doutrina cristã	‘Adão’
<i>Amém</i>	Empréstimo direto	Catecismo na língua brasílica	Catecismo brasílico da doutrina cristã	‘amém’
<i>Apostoloramo</i>	Empréstimo com morfologia	Catecismo na língua brasílica		‘apostolo-ATR’
<i>Apóstolos</i>	Empréstimo direto	Catecismo na língua brasílica	Catecismo brasílico da doutrina cristã	‘apóstolos’
<i>Ave Maria</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi	Catecismo na língua brasílica Catecismo brasílico da doutrina cristã	‘ave maria’
<i>Barrabás</i>	Empréstimo direto	Catecismo na língua brasílica	Catecismo brasílico da doutrina cristã	‘barrabás’
<i>Ojaçucbae</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘batizado’
<i>Bispo</i>	Empréstimo direto	Catecismo na língua brasílica	Catecismo brasílico da doutrina cristã	‘bispo’
<i>Atupãmõburú</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘blasfemar’
<i>Jgeigçaigendaba;</i> <i>Amboba;</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘castiçal’

<i>Jraitigendaba</i>				
<i>Moropotareima</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘castidade’
<i>Catorze</i>	Empréstimo direto	Catecismo na língua brasileira	Catecismo brasileiro da doutrina cristã	‘catorze’
<i>Açaang missa;</i> <i>Atupãmõguetã</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘rezar a missa’
<i>Jgboependoara;</i> <i>Jgbarpeçoara;</i> <i>Jgbaeiguara;</i> <i>Jgbacapora</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘celestial’
<i>Tambeaoba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘ceroula’
<i>César</i>	Empréstimo direto	Catecismo brasileiro da doutrina cristã		‘César’
<i>Jgbaca</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘céu’
<i>Cinco</i>	Empréstimo direto	Catecismo brasileiro da doutrina cristã		‘cinco’
<i>Cuapoaçaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘cinto’
<i>Moropoçãongara</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘cirurgião’
<i>Nhemomotara</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘cobiça’
<i>Caramemoãmerí</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘cofre’
<i>Itaiu boira</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘colar de ouro’
<i>Tupãrara</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘comunhão’
<i>Poromonhemõbeguaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘confessionário’
<i>Nhemõbeú</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘confissão’
<i>Caraíba;</i> <i>Ymõgaraibipira</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘coisa sagrada’ ‘benta’
<i>Aimõgarâibi</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘consagrar ou benzer’
<i>Caruguaçu</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘convite’ ou ‘banquete’
<i>Reriapigna</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘craca de navio’

<i>Bolgecaraíba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘conta benta’
<i>Constantino</i>	Empréstimo direto	Catecismo brasílico da doutrina crista		‘Constatino’
<i>Cristão</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘cristão’
<i>Caraíba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		
<i>Cristo</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘Cristo’
<i>Aimojaribirá</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘crucificar’
<i>Cruz</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘cruz’
<i>Kuruçá</i>	Empréstimo com adaptação fonológica	Lírica Portuguesa e Tupi		
<i>Damasceno</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘Damasceno’
<i>Deus</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘Deus’
<i>Dez</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘dez’
<i>Anhanga</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘diabo’
<i>Jtaíuba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘dinheiro’
<i>Mimboé</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘discípulo’
<i>Tupã potaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘dízimo a Deus’
<i>Domingo</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘domingo’
<i>Egípcios</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘egípcios’
<i>Egito</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘egito’
<i>Goarugua</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘espelho’
<i>Jbirãpocaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘espingarda’
<i>Espírito Santo</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘espírito santo’

<i>Eva</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘Eva’
<i>Evangelista</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘evangelista’
<i>Excomungado</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasílica	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘excomungado’
<i>Tupãrerobiara</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘fé em Deus’
<i>tatãigba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘fuzil’
<i>Galileia</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasílica	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘galileia’
<i>Baepigeigcaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘garfo’
<i>Graça</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘graça’
<i>Grácia Rainha</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi		‘grácia rainha’
<i>Herodes</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasílica	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘Herodes’
<i>Hóstia</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasílica		‘hóstia’
<i>Iesú</i> <i>Iesú Cristo</i>	Empréstimo com adaptação fonológica	Catecismo na Língua Brasílica		‘Jesus’ ‘Jesus Cristo’
<i>Tupã oca</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘igreja’
<i>Anhangarata</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘inferno’
<i>Iudas</i>	Empréstimo com adaptação fonológica	Catecismo na Língua Brasílica		‘Judas’
<i>Kabará</i>	Empréstimo com adaptação fonológica	Lírica Portuguesa e Tupi		‘cabra’
<i>Ladainhas</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã		‘ladainhas’
<i>Moropotara</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘luxúria’
<i>Aporopotar</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘luxuriar’
<i>Cunhã poropotara</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasílica		‘pessoa luxuriosa’

<i>Ocanga</i> <i>Ocangoãma</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘madeira (para construir casa)’
<i>Marasá</i>	Empréstimo com adaptação fonológica	Lírica Portuguesa e Tupi		‘Marçal’
<i>Mãy</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘mãe’
<i>Mestre</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã		‘mestre’
<i>Milagre</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã	‘milagre’
<i>Missa</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi	Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã	‘missa’
<i>Açuçubar</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘misericórdia’
<i>Xeporauçubar</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘misericordioso’
<i>Igaruçu</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘navio’
<i>Parãnarupi;</i> <i>Igrupiguatá.</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘navegar’
<i>Nazareno</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘nazareno’
<i>Ndereino</i>	Empréstimo com morfologia	Catecismo na Língua Brasileira		‘teu reino’
<i>Noé</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘Noé’
<i>Oito</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘oito’
<i>Tupã monguetá</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘oração’
<i>Padre Nosso</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã		‘padre nosso’
<i>Pay</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi	Catecismo na Língua Brasileira Vocabulário da Língua Brasileira Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘pai’
<i>Paraíso terreal</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘paraíso terreal’
<i>Páscoa</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘páscoa’

<i>Pecado</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi	Catecismo na Língua Brasileira Catecismo Brasílico da Doutrina crista	‘pecado’
<i>Tebira</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘pecado (contra a própria natureza)’
<i>Angaipaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da Língua Brasileira		‘pecador’
<i>Pilatos</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘Pilatos’
<i>Purgatório</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘purgatório’
<i>Quarenta</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã		‘quarenta’
<i>Quaresma</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã	‘quaresma’
<i>Quarta-feira</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina crista		‘quarta-feira’
<i>Quatro</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina cristã		‘quatro’
<i>Quinta-feira</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina crista		‘quinta-feira’
<i>Rainha</i>	Empréstimo direto	Lírica Portuguesa e Tupi		‘rainha’
<i>Rainh-ámo</i>	Empréstimo com morfologia	Lírica Portuguesa e Tupi		‘rainha+ATR’
<i>Rei-ámo</i>	Empréstimo com morfologia	Lírica Portuguesa e Tupi		‘rei+ATR’
<i>Rei-a</i>	Empréstimo com morfologia	Lírica Portuguesa e Tupi		‘rei’
<i>Rei</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Cristã		‘rei’
<i>Morubixaba</i>	Empréstimo por criação lexical	Vocabulário da língua brasileira		‘rei’
<i>Reino</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘reino’

<i>Roma</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘roma’
<i>Sábado</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘sábado’
<i>Sacramento</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘sacramento’
<i>Santa Igreja</i> <i>Santa Igreja Católica</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘santa igreja’ ‘santa igreja católica’
<i>Santa Madre Igreja</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘santa madre igreja’
<i>Santa Trindade</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘santa trindade’
<i>Santíssimo Sacramento</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘santíssimo sacramento’
<i>Santo</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘santo’
<i>Santo Sacramento</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘santo sacramento’
<i>Santo Apóstolo</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘santo apóstolo’
<i>Segunda-feira</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘segunda-feira’
<i>Terça-feira</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘terça-feira’
<i>Quarta-feira</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘quarta-feira’
<i>Sepulcro</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘sepulcro’
<i>Sete</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘sete’
<i>Sete Sacramentos</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘sete sacramentos’
<i>Sétimo</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira		‘sétimo’
<i>Sexta-feira</i>	Empréstimo direto	Catecismo na Língua Brasileira	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã	‘sexta-feira’
<i>Simão</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘simão’

<i>Tentação</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘tentação’
<i>Virgem Maria</i>	Empréstimo direto	Catecismo Brasílico da Doutrina Christã		‘Virgem Maria’
<i>Virgem-ramo</i>	Empréstimo com morfologia	Lírica Portuguesa e Tupi		‘Virgem Maria+ATR’

Quadro 4: Empréstimos do Português à Língua Geral do Século XVII, com classificação de tipo de empréstimo, indicação de fontes e tradução, organizado por palavra emprestada.

8 Convenções de Glosas

As glosas utilizadas neste trabalho são: 2 ‘segunda pessoa’; 3 ‘terceira pessoa’; A ‘série ativa’; ATR ‘atributivo’; CAUS ‘causativo’; CO ‘correferência’; CONJ ‘conjunção’; CONT ‘contínuo’; DUV ‘duvidativo’; GER ‘gerúndio’; LG ‘Língua Geral’; LK ‘linker’; NMLZ ‘nominalizador’; PB ‘Português Brasileiro’; RFR ‘referenciante’; SG ‘singular’.

9 Agradecimentos

Agradecemos aos editores dos *Cadernos de Etnolinguística*, Flávia de Castro Alves, Geny Gonzales, Lev Michael e Roberto Zariquiey; à editora deste volume especial, Christiane Cunha de Oliveira; à professora Walkíria Neiva Praça por esclarecimentos acerca da estrutura do Tupinambá, e aos pareceristas anônimos pelas valiosas contribuições a este artigo.

10 Referências bibliográficas

- Almeida, Antônio, Irmãzinhas de Jesus e Paula Luiz Govêa. 1983. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xero do Brasil.
- Anchieta, José de. 1984[1597]. *Lírica Portuguesa e Tupi*. (Organização, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso). São Paulo: Edições Loyola.
- Anchieta, José de. 1990[1595]. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. [edição fac-similar da 1ª. ed. Coimbra: Antônio Mariz]. São Paulo: Edições Loyola.
- Anônimo. 1621. *Vocabulário na língua brasílica*. Ms. da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.
- Araújo, Antonio de. 1618. *Catecismo Na Língua Brasílica, No Qual Se Contém a Summa da Doutrina Cristã*. Lisboa: Pedro Crasbeek.
- Araújo, Antonio de. 1898. *Catecismo Brasílico Da Doutrina christã*. Corrigida por Bartolomeu de Leco, Joelio Platzmann, B. G. Teubner. Ed. Fac-similar da 2 ed., de 1686, Leipzig.
- Borges, Mônica Veloso. 2006. *Aspectos morfológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)*. Campinas, SP: Tese de Doutorado na Universidade Estadual de Campinas.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1965. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Clements, Nick e Samuel Jay Keyser. 1983. *CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable*. Massachusetts: MIT Press.
- Cruz, Aline da. 2011. *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*. 1. ed. Utrecht, Países Baixos: LOT.

- Cruz, Aline da. 2007. O estatuto das fricativas na Língua Geral Amazônica. In *Afinal, o que nós, linguistas, fazem?* Seleção de textos proferidos durante o IX Encontro de Alunos de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, ed. Suzi Lima. São Paulo: Paulistana Editora.
- Cruz, Aline da e Walkíria Neiva Praça. 2018. Preservação do Léxico do “História Naturalis Brasiliae” entre os Baré e os Apyãwa. In Fargetti, Cristina Martins. *Léxico em pesquisa no Brasil*, 39-54. Araraquara: Letraria, 2018.
- Dietrich, Wolf e Volker Noll. 2010. O papel do Tupi na formação do Português Brasileiro. In: Noll, Volker e Wolf Dietrich (Orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo, São Paulo: Contexto.
- Edelweiss, Frederico. 1969. *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: confrontos e revisões*. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora.
- Figueira, Luis. 1621. *Arte da Língua Brasileira*. Lisboa: Manuel da Silva.
- Freire, José Ribamar Bessa. 2004. *Rio Babel: A história social das línguas na Amazônia*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/ATLÂNTICA.
- Jensen, Cheryl. 1989. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Série Línguas Indígenas. Campinas: Editora Unicamp.
- Lee, Kittiya. 2014. Language and Conquest: Tupi-Guarani Expansion in the European Colonization of Brazil and Amazonian. In Mufwene, Salikoko (ed.). *Iberian Imperialism and Language Evolution in Latin American*. Chicago: University of Chicago.
- Lemos Barbosa, Padre Antônio. 1956. *Curso de Tupi Antigo. Gramática, exercícios e texto*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Magalhães, Marina Maria Silva. 2007. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupi-Guarani)*. Brasília, DF: Tese de Doutorado na Universidade de Brasília.
- Monserrat, Ruth. Maria Fonini. 2003. O tupi do século XVIII (tupi-médio). In Freire, José Ribamar Bessa e Maria Carlota Rosa (Orgs.), *Línguas Gerais - Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial, 185-194*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Moore, Denny, Sidney Facundes e Nádia Pires. 1993. *Nheengatu: Notas sobre Sintaxe e Desenvolvimento Histórico*. Anais do 5º Encontro da ANPOLL. Recife. Julho.
- Moore, Denny. 2014. Historical Development of Nheengatu (Língua Geral Amazônica). In Mufwene, Salikoko (ed.). *Iberian Imperialism and Language Evolution in Latin American*. Chicago: University of Chicago.
- Noll, Volker. 2010. O Brasil colônia entre a Língua Geral e o Português. In Noll, Volker e Wolf Dietrich (Orgs.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Piso, Willem e George Marcgraf. 1648. *Historia naturalis Brasiliae: in qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur* [Editado e anotado por Johannes de Laet]. Amsterdam: Elsevier.
- Praça, Walkíria Neiva. 1999. *Nomes como predicados na língua Tapirapé*. Brasília, DF: Dissertação de Mestrado na Universidade de Brasília.
- Praça, Walkíria Neiva. 2007. *Morfossintaxe da língua Tapirapé*. Brasília, DF: Tese de doutorado na Universidade de Brasília.
- Praça, Walkíria Neiva, Marina Maria Silva Magalhães e Aline da Cruz. 2017. Indicativo II da família Tupi Guarani: uma questão de modo? *LIAMES* 17(1):39-58.
- Queixalós, Francesc. 2006 The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani. In Lois, Ximena e Valentina Vapnarsky. (eds.), *Lexical categories and Root Classes in Amerindian Languages*, 249-288. Bern: Peter Lang International Academic Publishers.
- Rodrigues, Aryon. Dall’Igna. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1:121-152.
- Rodrigues, Aryon. Dall’Igna. 1981. *Estrutura do Tupinambá*. Notas do curso dado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Inédito.
- Rodrigues, Aryon. Dall’Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 1986. São Paulo: Edições Loyola.
- Rodrigues, Aryon. Dall’Igna. 1996a. As línguas gerais sul-americanas. *PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4(2):6-18.

- Rodrigues, Aryon. Dall'igna. 1996b. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística* 19:57-70.
- Rodrigues, Aryon. Dall'igna. Sobre a natureza do Caso Argumentativo. 2001. In Queixalós, Francesc. (ed.) *Des noms et des verbes em Tupi-Guarani: état de la question*, 103-114. Munique: Lincom Europa.
- Santos, Bárbara Heliadora. 2020. *Empréstimo Lexicais do Português para a Língua Geral: século XVI ao XXI*. Brasília, DF: Dissertação de Mestrado na Universidade de Brasília.
- Santos, Bárbara Heliadora. 2021. Empréstimos do Português para a Língua Geral no século XVIII. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas (RBLI)* 3(1):160-176.
- Seki, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto do Xingu*. Campinas: Editora Unicamp.
- Silva, Raynice Geraldine Pereira da, Aline da Cruz e Michéli de Deus Lima Schwade. 2020. Descrição e documentação fonológica das variedades do Nheengatu no Amazonas. *Revista de Letras Norteamontas* 13(33):148-171.
- Tuffani, Eduardo. 2011. Revisão de um compêndio de Tupi Antigo. *Revista da Academia Brasileira de Filologia* 9(9):58-63.
- Vieira, Márcia Maria Damaso. 1993. *O problema da configuracionalidade na língua Asurini: uma consequência da projeção dos argumentos do predicado verbal*. Campinas, SP: Tese de Doutorado na Universidade Estadual de Campinas.
- Wetzels, Leo. 1977. Primary Stress in Brazilian Portuguese and the Quantity Parameter. *Journal of Portugues Linguistics, Special Issue on Prosody of the Iberian Languages* 5(6):9-58.
- Wetzels, Leo e Sérgio Meira. 2010. A Survey of South American Stress Systems. In Hulst, Harry van der; Goedemans, Rob; Zanten, Ellen van. *A Survey of Word Accentual Systems in the Languages of the World*, 313-381. Berlim: Mouton de Gruyter.